

Fabiana Carelli
(Universidade de São Paulo)
Paula Fábrio
(Universidade de São Paulo)

LIVRO, O IMPACTO DO SALAZARISMO NO DIA A DIA DE UM VILAREJO PORTUGUÊS: OU UM EXAME SOBRE O DESLOCAMENTO DE ADELAIDE

Fecha de recepción: 12.12.2016 **Fecha de aceptación:** 05.02.2017

Resumo: As migrações e deslocamentos de indivíduos (e populações) são temas figurados em diversas narrativas de ficção e, por conseguinte, os contextos sociopolíticos que possivelmente suscitaram tais movimentos apresentam-se, muitas vezes, (re)pensados sob novas perspectivas. Acreditamos que a produção crítica sobre essas obras literárias concorre para amplificar a discussão acerca dessas questões. Com a atenção dirigida para essa temática e a ambição de contribuir com tal discussão, o presente texto busca analisar como a ditadura salazarista e a Guerra Colonial (1961-1974) foram capazes de influenciar a vida de uma aldeia portuguesa e, desse modo, modificar as trajetórias dos protagonistas do romance *Livro* (2010), de José Luís Peixoto (1974). Este postulado será averiguado por meio do estudo literário da obra enunciada, com relevo para o espaço como categoria narrativa. O recorte escolhido é a trajetória da personagem Adelaide, jovem que se vê apartada da companhia de Ilídio, seu amor de juventude, e também de sua casa, onde morava com a tia, em uma pequena vila em Portugal, possivelmente inspirada em Galveias – freguesia no Alentejo onde nasceu o escritor José Luís Peixoto. Para cumprir esse expediente, buscamos apoio nas ideias de Gaston Bachelard e Antonio Candido sobre o espaço na narrativa.

Palavras-chave: deslocamento, salazarismo, orfandade, espaço, José Luís Peixoto

Title: *Livro*, the Impact of Salazarism on a Daily Portuguese Village: or a Consideration over Displacement of Adelaide

Abstract: The migrations and displacements of individuals (and populations) are themes featured in several fiction narratives. Thus, the socio-political contexts that possibly led to this movement are often (re)thought under new perspectives. We understand that the critical production about these works can amplify the discussion on those issues. Conducting our attention over this thematic and ambitioning to contribute to this debate, this text intends to analysis how Salazarist Dictatorship and Colonial War (1961-1974) had influenced a Portuguese village life, and then modified characters' trajectory of *Livro* (2010), by José Luís Peixoto (1974). This hypothesis will be analyzed through literary study of the above work, emphasizing space as a narrative category. The selected aspect for this paper is the Adelaide's character trajectory, a young woman away from her beloved Ilídio, and far away from her house, where she lived with her aunt, at a Portuguese village probably inspired on Galveias – where the writer José Luís Peixoto was born. To accomplish this task, we seek support on Gaston Bachelard and Antonio Candido.

Key words: displacement, Salazarism, orphanhood, space, José Luís Peixoto

INTRODUÇÃO

Gostaríamos de iniciar nossas explanações com uma breve comparação entre texto e contexto, isto é, entre a trama da narrativa fictícia eleita para nosso estudo e o contexto histórico figurado na obra.

Observemos que o romance de José Luís Peixoto, intitulado *Livro*¹, acompanha a vida da personagem Adelaide e ao mesmo tempo segue um extrato da história de Portugal.

Começaremos por confrontar as datas diegéticas com as circunstâncias políticas e os movimentos demográficos portugueses. A narrativa da parte I tem início em 1948, período pós-guerra no qual a ditadura salazarista já se encontra consolidada. A partir daí, especialmente nas duas décadas seguintes, 1950 e 1960, registra-se uma grande onda de emigração de portugueses para a França, um dos principais destinos da denominada emigração intra-europeia (Pires 2010: 16) – pano de fundo do livro.

Segundo o relato ficcional de Peixoto, “entre 1960 e 1974, cerca de um milhão e meio de portugueses emigraram para a França” (2012a: 281), sendo que “[e]m 1990, viviam [naquele país] um total de 798837 pessoas de origem portuguesa, 603686 dos quais [sic] nascidos em Portugal e 195151 nascidos [sic] na França” (279-280).

O encerramento da primeira parte da narrativa se dá com o nascimento de Livro, filho de Adelaide, em abril de 1974, na França, quase concomitante com a Revolução dos Cravos em Portugal. A revolução, importa mencionar, é retratada no romance pela perspectiva dos portugueses residentes em França.

A segunda e última parte da obra começa com o filho de Adelaide já adulto, contando sua história da infância até 2010, e encerra-se em julho do mesmo ano², justamente quando o personagem narrador desse trecho, Livro, com 36 anos naquela data, acaba de escrever a história que lemos (publicada em primeira edição em Portugal, não por acaso em 2010), configurando, desse modo, uma escrita metaficcional, como o próprio título sugere.

Além de metaficcional, também aventamos a hipótese de que a obra seja autorreferente, uma vez que Peixoto já comentou publicamente a vivência de seus pais como emigrantes na França e de ele próprio ter 36 anos em 2010.

A propósito, segundo o escritor, devido a um fator geracional, a onda migratória de portugueses para a França nas décadas de 1950 e 1960 encontra ocasião favorável para ser figurada pela literatura no século XXI:

[A]quilo que define a minha geração em Portugal é sobretudo o que não vivemos. Não vivemos a revolução, a ditadura, a guerra colonial, a emigração em massa. Ao escrever, percebi que esse aparente desprendimento podia ser uma vantagem, uma vez que me

¹ O romance de José Luís Peixoto, objeto deste estudo, teve sua primeira publicação em Portugal, pela Quetzal Editores, em 2010. As referências para este artigo são baseadas na edição brasileira, de 2012, da editora Companhia das Letras.

² Em 2010, o grupo literário Oulipo – *Ouvroir de littérature potentielle*, ao qual há referências explícitas no texto de Peixoto e que pretendemos discutir em futura tese, completou cinquenta anos.

permitia escrever sem constrangimentos sobre temas que, ainda hoje, não são fáceis para os portugueses (e talvez por isso não existam outros romances a deterem-se diretamente neste tema que afetou milhões de portugueses). (Peixoto, 2012b)

Com efeito, o “aparente desprendimento” do narrador do livro consegue tocar nessa ferida portuguesa com poesia e até com ironia, uma ironia, diga-se de passagem, que dialoga com a sensação de deslocamento.

Ademais, como instância narrativa, Peixoto empregou o “distanciamento” para provocar um olhar de fora, mais coetâneo ao seu processo criativo e aos leitores de hoje; essa estratégia textual propõe, arriscamos dizer, um cunho menos jornalístico e denunciativo que reflexivo. Neste artigo, apreciaríamos defender a ideia de que embora os personagens estejam ligados às suas origens e vontades de regresso, forçosamente eles estão exilados de sua terra e de suas pretensões, fator que os obriga a refletir sobre sua condição a partir de um ponto de vista externo a sua pátria.

Para encerrar esta pequena introdução sobre o texto e o contexto da obra de Peixoto, gostaríamos de sublinhar a complexidade de se abordar as emigrações ocorridas durante o governo salazarista, uma vez que o assunto se tornou tabu, sobretudo, a partir de uma atitude repressora da própria ditadura: de acordo com o estudioso Eduardo Lourenço (1999:141), as emigrações clandestinas da imensa massa de trabalhadores de estatuto medieval, por exemplo, foram ocultadas pelo Estado Novo.

Como costuma acontecer, sabemos, feridas encobertas demoram a cicatrizar. Portanto, o *Livro* de Peixoto retira o véu sobre essa discussão e nos propõe o deslocamento do olhar como direção primaz.

Antes, porém, de seguir o movimento dessa história, reuniremos uma pequena base teórica para pensar o conceito de deslocamento a partir do espaço como categoria narrativa.

BAGAGEM

Como primeira baliza, acreditamos ser mais instigante trabalhar a questão do deslocamento não apenas no âmbito do tempo e do espaço, mas em seu sentido mais amplo, o que inclui conotações psicológicas e sociais. Essa perspectiva, cremos, fatalmente implicará novas imbricações com a ditadura portuguesa.

Não obstante, a (i)mobilidade dos personagens exige o aprofundamento de nossa pesquisa também em termos topográficos, isto é, almejamos explorar a relevância do espaço físico no deslocamento de Adelaide. Somente assim poderemos explorar com mais vigor a simbologia geográfica do livro.

Para cumprir essa tarefa, buscamos suporte principalmente nos estudos dos brasileiros Antonio Candido e Antônio Dimas, e do francês Gaston Bachelard sobre o espaço como categoria narrativa.

A propósito, Bachelard nos oferece uma ponte fundamental entre espaço e psique, por meio do sentimento de solidão: “todos os espaços de nossas solidões passadas, os

espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indeléveis” (1978: 203).

Adelaide, apesar de emigrante, teve sua partida encetada de modo semelhante ao do banido, o que a aproxima de uma pessoa que sofre exílio. Desse modo, entendemos, Adelaide caracteriza-se como uma solitária. Essa ideia nos parece perfeita, pois, a despeito das pessoas com quem convive, a personagem interage afetivamente com os espaços por onde transita.

Estamos a falar não apenas sobre a topografia, mas de toda a conformação do ambiente onde se passa a história, incluindo seus objetos.

Indo mais longe, podemos questionar com o auxílio de Antônio Dimas, “até que ponto os signos verbais utilizados limitam-se apenas a caracterizar ou a ornamentar uma dada situação ou em que medida eles a ultrapassam, atingindo uma dimensão simbólica e, portanto, útil àquele contexto narrativo” (1994: 33). Nessa obra de Peixoto, a problemática do espaço já se insere no próprio objeto livro, se levarmos em consideração que uma série de recursos gráficos – como as letras capitulares deslocadas (cabe mencionar, deslocadas assim como os personagens) – são utilizados como elementos metalinguísticos. Dizendo de outro modo, o próprio livro, como objeto, consolida-se como espaço narrativo, o que é comum a todos os livros, mas nesse caso há uma invocação especial da atenção do leitor para a metalinguagem, em diversas passagens, como esta: “A paisagem, mundo de objetos, apenas ganhará realidade quando deixarmos estas palavras [...], este tempo encadernado” (Peixoto 2012a: 282).

Muito embora haja minúcias interessantes no estudo do espaço nesse romance – como a ocorrência das capitulares deslocadas, conforme mencionamos –, pretendemos nos concentrar na análise da simbologia de determinados espaços e objetos do livro, sobretudo por sua influência na locomoção de Adelaide. Para essa tarefa, iremos recorrer ao precioso trabalho do crítico Antonio Candido, em seu ensaio “Degradação do espaço”, presente no livro *O discurso e a cidade* (2010). Nesse texto, vale lembrar, Candido estuda o espaço como categoria narrativa em *L'Assommoir* (1877), de Émile Zola. Um dos motivos da escolha desse ensaio para nosso estudo, além da clareza e da agudeza de espírito do autor, foi a citação do romance de Zola no *Livro*, de Peixoto, a saber: no dia em que Costantino (marido de Adelaide) soube da gravidez da mulher, eles comeram a mesma refeição de *L'Assommoir* (Peixoto 2012a: 235).

Uma vez selecionada a bagagem que iluminará nosso estudo literário, podemos agora embarcar com Adelaide no livro de sua vida. Isto é, na próxima seção pretendemos realizar um trabalho simples e, no entanto, sistemático: recuperar o percurso de Adelaide no *Livro*. Acompanharemos também, de modo menos abrangente, a trajetória de Ilídio e de alguns personagens secundários da trama, como seu amigo Cosme, a fim de observar as implicações da Guerra em África³ na vida dos portugueses e como esse fato narrativo se entrelaça com os destinos dos protagonistas.

³ A Guerra Colonial, denominação preferida pelo governo português, também é vulgarmente referida em Portugal como Guerra em África. As ex-colônias usam o termo Guerra de Libertação.

O CAMINHO DE ADELAIDE

A jornada de Adelaide tem início com sua vinda de outra terra, aos treze anos, para morar com a tia, a velha Lubélia, na vila. O fato de Adelaide vir de outro lugar, embora dentro do território português, revela a sensação de exílio que irá acompanhá-la ao longo da narrativa.

Interessa-nos registrar que Adelaide muito raramente se desloca de livre e espontânea vontade durante a história. Em determinado momento, sua tia visita a irmã (mãe de Adelaide), que vive em condições precárias, cheia de filhos; a velha Lubélia resolve levar Adelaide consigo para a vila. Devido ao silêncio do texto com relação às reações da família, conjecturamos que não houve nenhum tipo de resistência ao ato impositivo da tia Lubélia. Em reforço a esse aspecto autoritário, a velha Lubélia estabelece uma rotina com a sobrinha, uma rotina que serve de tolhimento para liberdades pessoais; por exemplo: a menina quase não sai sozinha, somente acompanhada da tia; em casa, dormem juntas, e alguns detalhes dessa convivência são sombrios, como “o caixão que a velha Lubélia guardava debaixo da cama [...]. Um caixão novo, envernizado” (Peixoto 2012a: 60). Assim, Adelaide passa sua adolescência em meio a um ambiente repressor, refém de uma mulher amarga, que por sua vez, no passado, também foi privada de sua liberdade, sobretudo a liberdade amorosa. O mesmo acontecerá à Adelaide. A propósito, o microcosmo da vila efabulada por Peixoto, e neste caso o ambiente que cerca Adelaide, assemelha-se ao ambiente opressor da ditadura vivida em Portugal naqueles anos – quando a personagem chega à vila, estamos na década de 1950. Seu namoro com Ilídio, outro personagem órfão, é vivido na clandestinidade, escondido da tia Lubélia. Amores clandestinos são célebres na literatura, muitos tiveram seu mote na luta de classes, nos conflitos políticos, nos dramas raciais, nas disputas de reinos. Entretanto, vale lembrar que na década de 1950, em Portugal, diante da ditadura, muitas atividades e convivências sociais eram clandestinas, por exemplo: reuniões de pessoas divergentes do regime eram proibidas, havia um clima de oposição à liberdade individual e, de alguma forma, essa disposição autoritária estava impregnada na sociedade, no comportamento das famílias, com base na hipocrisia, no controle e no moralismo, o que se confirmará no passo seguinte da velha Lubélia com relação à sobrinha.

Outro momento crucial da jornada de Adelaide acontece quando o jovem Ilídio, agora com 22 anos, formaliza o pedido de noivado. O fim da clandestinidade do namoro é negado aos dois pelo riso de escárnio da tia e por sua atitude cruel e covarde de despachar a sobrinha para a França, na calada da noite. Podemos nomear essa atitude da velha Lubélia como uma coerção ao exílio e, de modo óbvio, à solidão. Assim como outros milhares de portugueses, Adelaide vai para a França. Interessa-nos destacar: alguns emigraram em busca de melhores condições de vida, outros para escapar à prisão política, outros ainda para escapar à Guerra Colonial.

No entanto, para se chegar ao destino, há de ser feita a travessia. Muitas vezes, especialmente no caso de Adelaide, a travessia, o provisório, os lugares por onde passa e aqui

designamos como entre-espaços⁴, parece-nos constante, habitual, e, ao mesmo tempo, inquietante e até mesmo opressor. Vejamos.

Tão logo Adelaide recebe a notícia de sua partida, a tia ordena que faça a mala para a viagem. Esse fato narrativo demonstra a importância de alguns objetos na história: a mala, o livro, os comboios, por exemplo. Com efeito, esses três objetos estão ligados ao ato de viajar e integram o sentido de viagem como metáfora para a vida. Importa lembrar:

Ulisses, Ícaro, Sísifo. Sabemos da exemplaridade de obras como a *Odisseia*, a *Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, o *Dom Quixote* [...] Sabemos da fortuna das concepções do homem como *homo viator*, ou da vida como viagem, e da viagem como metáfora da vida vivida ou por viver. (Saraiva 2013: 140)

Voltando ao primeiro objeto, a mala ganha relevo justamente quando serve para “aconchegar” o livro que Adelaide levará consigo durante toda a vida, isto é, o livro que ganhou de presente de Ilídio, que por sua vez o recebeu de sua mãe, no dia em que ela o deixou para sempre. Cabe lembrar, o termo “livro” também encerra uma metáfora relacionada à vida. De toda forma, a mala é um componente interessante não apenas por comportar outro objeto, o livro, mas por constituir a metáfora sobre a bagagem da vida, os sentimentos, os conflitos que levamos conosco. Uma das passagens nas quais essa figura de linguagem torna-se evidente está no começo da viagem, quando Adelaide sai da casa da tia para a rua: “[a] rua era apenas escura. A Adelaide saiu sem dizer nada. A mala ainda não lhe pesava” (Peixoto 2012a: 91).

Convém ressaltar que a mala, para Adelaide, também assume outra dimensão: em todos os ambientes onde a personagem (sobre)vive, há sempre uma sensação de deslocamento; assim, a mala passa a ser uma espécie de morada para Adelaide, seu porto seguro, o lugar privilegiado onde carrega o livro, suas memórias de afeto. Assim, compreendemos, a mala também representa um espaço para Adelaide. Se pensarmos com Bachelard, poderíamos aproximar a imagem da mala da imagem de um cofre, ou seja, quando a mala se abre (assim como o cofre para o filósofo francês), “[o] externo não significa mais nada. E mesmo, supremo paradoxo, as dimensões do volume não têm mais sentido porque uma dimensão acaba de se abrir: a dimensão da intimidade” (1978: 253). Ainda para Bachelard, sobre um móvel, por exemplo, um armário, e sua missão de guardar segredos e tesouros: “[a]bre-se o móvel e descobre-se uma moradia. Uma casa está escondida no cofre”. Seria possível imaginar que a mala, para Adelaide, seria sua moradia, sua imensidão íntima.

Dito isso, cumpre-nos agora pensar acerca dos meios de transporte que conduziram Adelaide. Durante boa parte da viagem, a personagem não tem ciência para onde a levam e como chegará a esse destino. Adelaide viaja na boleia de uma camioneta, com um casal

⁴ Defendemos a utilização desse termo, pois define a estadia de uma pessoa entre dois espaços. Isto é, um trem, um meio de transporte, não é um espaço definitivo para se viver, mas sim um espaço entre uma casa e outra, por exemplo. A vivência em espaços que denominamos entre-espaços costuma ser muitas vezes precária.

desconhecido, por uma estrada esburacada entre oliveiras. A propósito, “[a] Adelaide só soube que ia para a França, quando a camioneta parou debaixo de um sobreiro, no meio da noite, quando pisou a terra. Foi a mulher que lhe disse, como se ela própria não entendesse o que dizia” (Peixoto 2012a: 97).

Depois da camioneta, entre andanças a pé, sempre abraçada à mala, subindo e descendo montanhas com medo de lobos, e na companhia de desconhecidos, Adelaide prossegue às cegas, sem distinguir exatamente o caminho. Após o pouso numa quinta, a personagem continua viagem em outra camioneta e, agora, parece acostumar-se à condição de contínuo deslocamento e desconforto:

Sentada, aos solavancos, não havia maneira de saber quando voltaria a parar, mas tinha-se habituado ao motor, aos próprios solavancos, ao rígido com que as tábuas da camioneta lhe moíam o rabo, os músculos, lhe desconjuntavam os ossos. (113)

Por fim, quando chega à França, Adelaide faz o restante do trajeto até Paris num comboio. Novamente há o emprego de outro espaço bastante explorado pela literatura para unir as ideias de viagem e vida.

Assim como Antonio Candido (2010: 63) assinala alguns elementos que prefiguram a vida de Gervaise, personagem do livro *L'Assommoir* (1877), de Émile Zola, é possível destacar o papel do trem e da camioneta no comando da vida de Adelaide. Enquanto, por exemplo, o elemento da escada antecipa, de maneira simbólica, a tentativa de ascensão e queda de Gervaise no romance de Zola, a camioneta e o trem revelam como Adelaide tem sua vida dirigida por outrem, em uma antevisão do que será sua vida como empregada doméstica e, depois, sob o comando do marido, Constantino.

Aliás, Candido ressalta a importância do ambiente material em consonância com a estrutura da narrativa, o que inclui os objetos descritos no capítulo V de *L'Assommoir*. Observemos as conjecturas de Candido acerca do episódio de Gervaise na oficina de lavar, rodeada pelos instrumentos do ofício e pela roupa suja:

[...] a ação se torna quase descrição, na medida em que os atos são manipulações; à narrativa parece uma concatenação de coisas e o enredo se dissolve no ambiente, que vem a primeiro plano através das constelações de objetos e dos atos executados em função deles. (63)

Já no percurso de Adelaide a bordo do comboio, a descrição dos ambientes vistos através da janela não parece tão relevante como a conversa de Adelaide com a nova amiga – a Libânia, tampouco avultam objetos; mas se pensarmos em termos estruturais, é possível compreender o comboio (espaço narrativo fechado) como cruzamento de destinos e daí sua importância na composição do enredo.

Mas voltemos ao caminho de Adelaide. Conforme antecipamos, no comboio ela conhece Libânia, uma portuguesa que se casara por procuração. A propósito, é com Libânia e seu marido que Adelaide vai morar, de favor, num barraco em Saint-Denis, subúrbio de Paris. A descrição dos arredores revela as condições miseráveis do local:

As ruas de terra estavam rodeadas por casas com paredes de chapa de madeira, remendos de lata enferrujada, pregos tortos, arame. Havia vultos de crianças a brincar e cães desinteressados. *A Adelaide seguiu a Libânia, que seguia o marido.* Na rua, ouviam-se as vozes dentro das casas. *Na rua, ouviam-se os bebês que choravam dentro das casas, ouviam-se os homens a arrotar.* [...] Compuseram o canto onde ia dormir. Deitou-se. (Peixoto 2012a: 130-131, grifo nosso)

Baseados nessa descrição, percebemos que mais uma vez a personagem passará a viver sem privacidade, agora repartindo o mesmo cômodo do casal. Em outro trecho, mais adiante, o leitor perceberá que as camas são separadas apenas por um lençol. Nesse convívio, Adelaide será vítima do assédio do marido da amiga. Conjecturamos que se trata de uma opressão imposta pelo machismo, tributária do sistema patriarcal que formou e refletiu as condições do governo de Salazar e está evidente no trecho escolhido, no qual a hierarquia e as vantagens dos homens sobressaem. Há de se salientar que o machismo e o sistema patriarcal já existiam antes de Salazar (e depois), e contribuíram para a formação do pensamento de seu governo.

Contudo, um dos raros espaços onde Adelaide tirará proveito de certo conforto e encontrará mínimo repouso para a alma, será na biblioteca, onde passará a trabalhar às madrugadas. Nessa ocasião começa a nutrir a esperança de ter uma casa, sua.

A casa como espaço de acolhimento é quase sempre negada aos protagonistas do romance. O próprio livro, como objeto que permeia a vida de Ilídio e Adelaide, ganha voz nas notas de rodapé da segunda parte da narrativa, e também ele se ressentido de não encontrar amparo: “Nunca encontrei o abrigo que ainda procuro, uma mão que me feche no seu interior e me guarde no bolso de dentro do casaco, paredes que me digam com veludo: descansa, menino” (226).

Entretanto, na biblioteca Adelaide reunirá condições (tempo livre, silêncio, tranquilidade) para recordar, pensar e até sonhar. Segundo Gaston Bachelard, este seria o benefício mais precioso da casa: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz [... pois] o devaneio tem mesmo um privilégio de autovvalorização” (1978: 201). Queremos dizer que, para Adelaide, a biblioteca é sua verdadeira casa, naquele momento, assim como a biblioteca é a casa dos livros; e nesse sentido a personagem poderá sonhar, como o dissemos, com uma casa sua.

Embora a biblioteca represente um espaço de tregua para Adelaide, é lá que a personagem conhecerá Constantino, seu futuro marido. O que inicialmente parecia uma “solução” para a vida de Adelaide –aliás, o casamento era visto como solução para a vida das mulheres nos anos 1960 (e até depois)–, passa a ser fonte de novas apreensões. Outra vez Adelaide se vê tolhida: aos poucos, Constantino induzirá a esposa a deixar seus dois empregos e virá a confiná-la dentro de seu apartamento quitinete. Há diversos momentos nos quais o reduzido espaço de ação (social, econômica) da personagem é figurado no texto, mas elegemos duas passagens que nos soam bastante elucidativas: “[a]s duas malas que continham o que possuía esperavam-na numa perpendicular à *Rue de Crimée*, Paris cidade, departamento dezanove, *na casa de Constantino*” (Peixoto 2012a: 173, grifo nosso). Nesse trecho observamos que Adelaide possui poucos pertences e a casa aonde vai morar é o apartamento de Constantino, isto é, não é uma casa de ambos,

muito menos dela. É verdade também que Adelaide ganhara mais conforto, pois as paredes da quitinete são de cimento, as janelas de vidro, mas tanto o espaço físico como o “espaço” psicológico da personagem são restritos e vigiados a todo o momento. Esse aniquilamento fica claro nos interrogatórios aos quais Constantino submete Adelaide. Esses interrogatórios lembram os procedimentos da polícia política salazarista figurados em outras obras literárias portuguesas, como *Levantado do chão* (2009) e *O ano da morte de Ricardo Reis* (2010), ambos de José Saramago. A propósito, assim como nas obras citadas, dentre os recursos utilizados por Constantino nas suas inquirições estão o excesso de repetições, as perguntas disparatadas, as zombarias.

Cabe notar que a quitinete de Constantino fica localizada à *Rue de Crimmé*, em Paris, e encontra referência em um espaço geográfico que também existe fora da diegese, ou seja, é uma rua ao norte de Paris, situada em um bairro popular, próxima a regiões que concentram grande número de imigrantes até nos tempos atuais.

O ano de 1968, conhecido como “o ano que não terminou”, devido a seus aspectos políticos e relevância histórica, também recebe destaque no livro de Peixoto. O autor reservou fatos diegéticos determinantes e simbólicos para essa data. Por exemplo, Adelaide, que se encontra grávida, sofre um aborto espontâneo na madrugada de 13 de junho daquele ano. Curiosamente, nessa madrugada em França, o General De Gaulle consegue desarticular grupos revolucionários e essa notícia torna-se manchete de alguns jornais do Ocidente⁵. Temos assim a coincidência de duas interrupções, uma no tempo diegético e outra fora da diegese.

Muito embora o aborto tenha sido uma ocasião dolorosa para Adelaide, o acontecimento possibilita seu reencontro com Cosme, amigo de Ilídio que se encontra em França fugido da tropa, isto é, fugido da convocação para a guerra em África. Vale assinalar, neste ponto, a violência do Estado português a interferir no destino deste outro personagem. Conforme podemos constatar em outros romances de língua portuguesa, caso de *A geração da utopia* (2000), do escritor angolano Pepetela, por exemplo, observamos a figuração de jovens que emigraram para a França a fim de se esquivar da Guerra Colonial.

Sem dúvida, o reencontro com Cosme em 1968 acabará por reaproximar Adelaide de Portugal (e também de Ilídio), mas também a confrontará, outra vez, com o assédio sexual, de cunho machista, agora da parte de Cosme. Assédio que ocorrerá dentro do apartamento onde Adelaide vive com o marido, conformando uma ação invasiva. Em outras palavras, Adelaide não tem descanso nem mesmo na presença de um amigo, nem dentro de casa. Todavia, em 1968, Marcello Caetano assume o governo português no lugar de Salazar, e nos anos seguintes começará a reestruturação dos partidos de oposição naquele país. A Guerra Colonial vive um de seus períodos mais sangrentos, e justamente nessa ocasião começam a despontar forças africanas capazes de conquistar independência. Talvez, por esses motivos, os personagens de *Livro* acenem uma volta a Portugal. E, conjecturamos, como forma de negociação com a casa salazarista (hipócrita, moralista, controladora, conforme já mencionamos), Adelaide usa de seu corpo,

⁵ A título ilustrativo, pode-se citar a edição de 13 de junho de 1968 do jornal brasileiro Folha de S. Paulo: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1968/06/13/2/>.

de acordo com sua conveniência, permitindo a Cosme certas liberdades no sofá onde o marido irá sentar-se à noite para ler; Adelaide o faz em busca de companhia, de notícias de sua terra e de Ilídio. Esse comportamento assemelha-se, guardadas as devidas proporções, ao de Gervaise, protagonista do romance *L'Assommoir* (1877), de Émile Zola, que usa “o próprio corpo como objeto negociável” em “um mundo que lhe nega condições para se humanizar” (Candido 2010: 82). Dizendo de outro modo, vemos aqui a relação íntima entre corpo e espaço (degradado).

A despeito da inconveniência das investidas sexuais, as visitas de Cosme fornecem entretenimento e alento para Adelaide, em virtude principalmente das lembranças de sua terra. No entanto, as visitas não impedem que Adelaide passe a experimentar um período de tédio em seu apartamento e também, obviamente, no seu casamento com o Constantino (este já flertava com uma amante). Esse sentimento é expresso ao mostrar a relação da personagem com os objetos, em especial os livros, revelando um claro entrecruzamento tempo/espaço: “[...] o pó acumulava-se em camadas sobre os livros da mesma maneira que os dias se acumulavam em camadas uns sobre os outros. A Adelaide carregava tempo e pó, enleava-se nesses materiais” (Peixoto 2012a: 203).

Passado o tempo, aos 33 anos de idade, já liberta do jugo da tia que morrera, Adelaide consegue pela primeira vez visitar a vila em Portugal. Mais que isso, Adelaide desloca-se por vontade própria. Aproveitando-se do desejo de Constantino em ficar sozinho com a amante em Paris, Adelaide comenta seu propósito de ir à vila, tratar das coisas que herdou da velha Lubélia. Convém assinalar que o tempo histórico dessa circunstância narrativa coincide com os últimos momentos da ditadura salazarista, já transcorrer o ano de 1973, época na qual Marcello Caetano está na frente do governo e Salazar já se encontra morto.

Chegando à casa da tia, em Portugal, Adelaide se reencontra com seu passado, com as raízes que lá deixara e experimenta uma sensação de felicidade.

Segundo Bachelard:

[...] ficamos surpreendidos quando voltamos à velha casa, depois de décadas de odisseia [...], a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. [...] Nela aprendemos hábitos de devaneio particular. (1978: 207)

O pé de abrunhos (fruto da família das ameixas) no quintal é o local ideal para seus devaneios, indício de suas raízes, de sua terra (ou terra que Adelaide acabou por adotar afetivamente), onde tudo tem mais gosto: “[h]á muitas qualidades de abrunhos. A Adelaide não conhecia outros que tivessem o mesmo gosto daqueles que cresciam no quintal da tia” (Peixoto 2012a: 207-208). A propósito, vale sinalizar que os abrunhos são nativos de Portugal e, além disso, corre o mês de agosto quando Adelaide visita a vila, ocasião ideal para se colher o fruto. Neste ponto do texto nos deparamos com uma importante analogia. Vejamos, Adelaide toma as rédeas de seu destino e é ela quem, já no centro da vila, horas mais tarde após comer os abrunhos no quintal, comanda o percurso entre as ruas da vila até a fonte, seguida por Ilídio. Nesse momento do reencontro dos dois personagens, é concebido Livro, filho do casal. Interessa-nos registrar que o menino

é um filho feito fora do casamento (o romance manterá a hesitação sobre sua filiação até o fim), e, assim, assemelha-se ao abrunho silvestre, que não tem produção controlada (Cardoso 2010, on-line).

Outro registro relevante é sobre Adelaide ter carregado o objeto livro consigo da França de volta até Portugal: “[s]egurou-o com as duas mãos, sussurrou-lhe: estamos na nossa terra. E voltou a pousá-lo no interior da mala” (210). O livro, mesmo antes de se tornar personagem com corpo e voz (Livro-filho), já é de algum modo um personagem, pois serve de veículo para várias ações e aponta rastros metaficcionais.

Em 27 de abril de 1974 nasce, na França, Livro, filho de Adelaide e Ilídio. Adelaide ainda mora com Constantino em Paris e este acredita que o menino seja seu filho. A data do nascimento de Livro é quase coincidente com a Revolução dos Cravos, acontecimento histórico que trouxe a democracia de volta a Portugal e desembarçou a independência das províncias ultramarinas.

O nascimento do filho também propicia um alargamento do espaço físico e psicológico de Adelaide. Ela e Constantino, com a criança, mudam para uma casa com “cento e sessenta metros quadrados. Três casas de banho, um escritório enorme, três quartos, uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha, quatro varandas” (226). A casa localiza-se no *Quartier de la Goutte d’Or*, em Paris. Porém, apesar do conforto, a casa nova, como espaço narrativo, guarda um passado sombrio, segundo o relato de personagens secundários: a casa havia sido palco de um crime terrível, com paredes a escorrerem sangue, envolvidas agora por um novo papel de parede. Talvez aqui o autor tenha criado uma metáfora ao processo de gentrificação observado no bairro a partir dos anos dois mil⁶.

Sobre a localização do imóvel, cumpre-nos observar que sua região é próxima ao primeiro endereço do casal, na *Rue de Crimmé*, que até 2012 foi povoada, principalmente, por imigrantes ilegais na França, sendo em sua maioria africanos do Magrebe. *La Goutte d’Or* também foi palco do romance escrito por Zola, *L’Assommoir*, já citado, e integra o arquétipo de bairro que concentra as misérias urbanas. Algumas de suas ruas, sobretudo, carregam em sua história a revolta de 30 de julho de 1955, conhecida por uma série de mobilizações violentas noturnas que concentraram reivindicações políticas e sociais coletivas de seus moradores. A propósito, Antonio Candido, ao analisar o livro de Zola, comentou sobre o “confinamento do pobre nos lugares menosprezados”, não apenas como “norma social refletida na ficção, mas norma literária que manifesta a estrutura do livro” (Candido 2010: 49), ou seja, o espaço, como categoria narrativa, encarcera e segrega as personagens, e representa o sentimento de opressão social, presente nos dois livros – salvo diferenças de estilo e movimentos literários de cada um, sobre os quais não cabe a este artigo se debruçar.

Mais do que confinada, cremos que Adelaide viva em um permanente estado de precariedade, em ambientes temporários, desprovida de pertences, ou seja, sempre na casa dos outros ou em trânsito, nos comboios, na camioneta, nas andanças a pé. Para melhor identificar essa condição, tencionamos chamar os espaços transitórios de entre-espacos

⁶ As informações sobre o bairro foram colhidas no artigo “O bairro Goutt D’Or, 30 de julho de 1955: uma revolta no centro da metrópole colonial” (Blanchard 2013: 477-502).

e aqueles que não lhe pertencem (como propriedade/patrimônio), designaremos como espaços controlados.

Afora a atmosfera que envolve a casa de *La Goutte D'Or*, Adelaide e o filho vivem em estado de tensão permanente, em virtude do comportamento controlador, autoritário e sarcástico de Constantino. Há uma paz que somente vigora enquanto Constantino lê, muito embora seja uma paz falsa: “Se o Constantino estava em casa, havia o silêncio de quando estava a ler, um medo que cobria os móveis, uma paz que não tranquilizava, um cinzento, e havia as rugas da sua voz zangada, a censurar-nos por existir dia e noite, a culpar-nos pela sua indisposição constante” (Peixoto 2012a: 235).

Todavia, o controle exercido por Constantino está com o tempo contado. Quando Livro já é um homem, Constantino passa a sofrer de uma enfermidade que afetará sua mente e o fará perder o controle das atividades mais corriqueiras. “Aos poucos, toda a casa cheirava a urina velha, o cheiro estava entranhado nos tapetes, nas cortinas, no sofá” (237). Aqui temos, mais uma vez, a hostilidade do ambiente no qual Adelaide vive. Esse tipo de descrição contribui para o alargamento da história, num esforço microscópico, que busca abarcar, até mesmo pelo uso dos sentidos (olfato, neste caso), a mais fina experiência do narratário com o ambiente onde se passa a ação.

Entretanto, com o advento da doença do marido, Adelaide ganha mais autonomia e, com isso, pode interná-lo num asilo e trocar a casa de Paris por uma residência na vila, em Portugal. Adelaide compra justamente a casa antiga da dona Milú, uma das maiores construções da vila. Assim, de modo semelhante a Ilídio que já retornara ao povoado e lá construía uma grande e bela residência com o auxílio de Josué (seu pai “adotivo”), Adelaide volta para sua terra com vários planos de reforma para a casa.

Adelaide muda-se com o filho já adulto, e ela, uma senhora em sua maturidade. No entanto, o espaço, embora mais harmônico, continua sendo provisório, pois conta com os improvisos da chegada. A televisão compõe a única mobília da sala, os móveis são poucos para a casa imensa. A propósito, no primeiro ano, as pessoas continuam, por hábito, a chamar o imóvel como a casa da dona Milú, exprimindo, talvez inconscientemente, a ideia de que Adelaide ainda não seria a legítima proprietária. Também nessa altura, Adelaide sente falta de Paris, agora do comércio, das compras. Importa lembrar que Adelaide sente saudades da vila, quando está em Paris. Com efeito, o deslocamento a acompanha sempre.

Agora façamos outra observação: Adelaide não se mudou apenas com o filho; uma nota de rodapé, sutil, revela que o livro, como objeto-personagem, também regressou a Portugal. E essa passagem se dá pela troca do tempo verbal. No texto corrido, o narrador é Livro, filho de Adelaide, nascido na França, que diz: “[...] tinha mesmo de ir para Portugal”. A nota de rodapé, que dá voz ao objeto, corrige a informação: “voltar” (237). Em outra nota, o objeto-personagem já havia dito que não tinha para onde voltar, pois Paris não lhe pertencia, nem aos milhares de imigrantes que lá viviam (233). Essa sensação de não pertencimento, acreditamos, ganha ênfase no registro desse objeto-personagem, que parece sintetizar os pensamentos e sentimentos das demais figuras humanas da história.

A propósito, em diversas circunstâncias, em nossa opinião, o narrador busca confundir o leitor ao misturar Livro, o objeto-personagem, ao personagem humano, como neste trecho quando Adelaide e o filho vão ao centro comercial de Lisboa, e ela compra

um (o) romance de presente ao filho: “[c]omprou o presente às escondidas, quando me foi buscar a livraria” (239).

Logo na sequência, o romance de Peixoto passa a exhibir as marcações circulares correspondentes à primeira parte da narrativa (quando Adelaide e Constantino se comunicam pela primeira vez por meio do livro, na biblioteca) e, dessa maneira, até o fim da história, irá fechar as lacunas abertas no início do texto, concluindo raciocínios, explicitando personagens e, mais ousado, voltar-se-á para a sua própria discussão e crítica, afirmando-se como um meta-romance, em franco diálogo com os métodos oulipianos. Ao final da trama, Adelaide apresentará o filho com o livro que ganhou de Ilídio, como se desse momento em diante a missão de passar a história para frente coubesse a Livro; em outras palavras, aquele objeto a substitui, representa sua imortalidade, uma vez que representa o amor da mãe de Ilídio por longo tempo. Desse modo, Livro também deixará sua história e apresentará o leitor com o livro que ele tem em mãos.

No entanto, pensamos que o mais interessante nesse jogo literário não seja apenas a brincadeira oulipiana e a proposta metaficcional em si, mas sim a reflexão proposta pelo texto. Seguindo esse raciocínio, no próximo tópico tentaremos nos aproximar de algumas conclusões sobre os aspectos da filiação e do destino.

APONTAMENTOS PARA UMA CONCLUSÃO: FILIAÇÃO E DESTINO

Nosso primeiro apontamento diz respeito à metáfora estabelecida pelo texto de Peixoto com relação às ideias de “livro” e “vida”. Com os recursos metaficcionalizados utilizados, o autor nos faz perceber que um livro, assim como nossa jornada na vida, pode já estar escrito ou, mais relevante, ser escrito durante o caminho (durante o ato da escrita). Por essa razão, o deslocamento apresenta duas dimensões no romance, a primeira tem a ver com as forças restritivas e impositivas do autoritarismo, capazes de determinar mudanças e trajetórias; a segunda está ligada ao conceito de liberdade, isto é, quando os personagens estão livres para ir e vir, e, nesse caso, sobretudo, voltar. Possivelmente, o filho de Adelaide também não venha a se fixar na casa em Portugal e mantenha sua caminhada pelo mundo (como costuma ocorrer com os livros, histórias que vão de um lugar a outro); nesta passagem sobre a casa que os personagens acabam de comprar na vila, podemos deduzir a hesitação de Livro em se fixar no local: “[h]avia bastante para explorar e, pelas nossas contas, havia tempo. Para a minha mãe, o resto da vida. Para mim, uma interrogação, logo se vê” (228). Convém capitular, neste ponto, com o auxílio de Eduardo Lourenço, que milhares de portugueses são felizes fora de Portugal, sobretudo seus filhos, e estes já estão realmente inseridos “na trama dos povos que os acolheram”, mostrando quão mítica pode ser a ideia do regresso a Portugal (1978: 135).

Também gostaríamos de fazer um segundo apontamento, agora com referência ao espaço e sua relação com a opressão vivida pelos emigrantes portugueses a caminho de França. Conforme notamos no percurso de Adelaide, a personagem transita por diversos entre-espaços, a experimentar desconforto, desamparo e degradação moral e física; já nos espaços controlados, ela vivencia constrangimento, coação e uma sensação

constante de sujeição. Essas dificuldades, embora reflitam a situação dolorosa vivida por milhares de portugueses emigrantes, também acenam para o caminho da imensidão íntima, apontada por Bachelard (1978), quando nossa casa pode ser um simples objeto, que nos levará ao devaneio, ao sonho, e assim nos trazer de volta a esperança.

Nosso terceiro e último apontamento é sobre a questão da filiação (e sua dúvida) presente no romance. Vejamos alguns casos. Adelaide, quando vai morar com a tia, passa a viver o cotidiano semelhante ao de uma menina órfã, cuidada por uma parenta. Depois segue sozinha no mundo. Ilídio, por sua vez, é filho de seu próprio avô – Aquele da Sorna, ou seja, filho de uma cópula condenada pela moral. Livro talvez seja fruto do adultério de Adelaide; hipótese que permanece sem esclarecimento. Mesmo os personagens Galopim e seu irmão vivem sozinhos, sem pais ou parentes. A velha Lubélia perdeu uma criança quando nova. Enfim, são vários sinais de orfandade e dúvida sobre filiação. Se pensarmos com mais acuidade, perceberemos que o próprio livro em si revela possuir dupla autoria: o escritor (suposto autor da primeira parte) que mora na vila e que foi amigo de infância e juventude do personagem Livro e o próprio personagem Livro (suposto autor da segunda parte), que comenta despeitado:

O aspecto positivo das horas que perdi a ler esse presente de Natal, meu pálido homônimo, foi que, mal o pousei, comecei logo a escrever este livro que estás a ler. Se esse despeteado que mijava atrás de sobreiros pode escrever e publicar um romance, eu também posso. (Peixoto 2012a: 243-244)

Aliás, o autor (implícito) faz questão que o reconheçamos através da voz do narrador, deixando várias pistas para chegarmos ao nome de José Luís Peixoto:

[...] tanto mais que me estou a referir a *um autor que vem logo antes de Pessoa nas estantes alfabéticas das bibliotecas*, mas sei que, mesmo Flaubert, que tanto insistiu no afastamento entre a obra e o autor [...], não teve pudor de admitir que se chamava Emma. (240, grifo nosso)

Tendo em vista as afirmações acima, somos levados a considerar que a filiação de um livro também seja algo impossível de se saber por completo. O narrador sugere que o autor do romance esteja contando a sua história (a história do narrador), mas é ele (o narrador) quem chama para si a tarefa de escrever sua própria história. Esse desejo de escrever e fazer a própria história, o destino, parece ter uma ligação estreita com a ideia de liberdade, ou seja, não deixa de ser uma afronta a qualquer tipo de autoridade.

Desse modo, as amarras salazaristas contribuíram para modificar as trajetórias das personagens dessa pequena vila de Portugal – microcosmo fictício desenvolvido para discutir, além de outros temas, a história do país durante o regime ditatorial. No entanto, em seu *Livro*, José Luís Peixoto parece nos alertar: as histórias estão sujeitas a narradores, cuja filiação é preciso problematizar. Diante dessa ideia, compreendemos que não há controlo sobre as coisas ditas ou silenciadas.

A propósito, conforme se observa no texto de Antonio Dimas, a “multiplicidade e a relatividade do ponto de vista”, nos romances contemporâneos, talvez seja seu “com-

ponente mais encarecido” (1994: 56); assim, poderíamos propor que o livro de Peixoto sugere essa relatividade sem recorrer ao uso de múltiplos narradores ou à alternância de pontos de vista, mas porque utiliza a estratégia metaficcional para nos dizer: a história pode ser assim, mas também pode ser diferente. Em outras palavras, escrever e ler são exercícios da dúvida. E o benefício da dúvida costuma ser concedido quando nos deslocamos para observar o mundo e a nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston (1978) *A poética do espaço*. São Paulo, Abril Cultural.
- BLANCHARD, Emmanuel (2013) “O bairro Goutt D’Or, 30 de julho de 1955: uma revolta no centro da metrópole colonial”. *Estudos sociológicos*. 35: 477-502.
- CANDIDO, Antonio (2010) *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul.
- CARDOSO, Miguel Esteves (2010) “O segredo dos abrunhos”. *Público Online*. 3 de agosto. <https://www.publico.pt/opinia/jornal/o-segredo-dos-abrunhos-19950082> [10.12.2016].
- DIMAS, Antônio (1994) *Espaço e romance*. São Paulo, Ática.
- LOURENÇO, Eduardo (1978) *O labirinto da saudade*. Lisboa, Edições Dom Quixote.
- (1999) *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PEIXOTO, José Luís (2012a [2010]) *Livro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- (2012b) “José Luís Peixoto: a desmistificação de um escritor”. *O Globo*. 24 de março. Entrevista concedida a Guilherme Freitas. <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/jose-luis-peixoto-desmistificacao-de-um-escritor-437353.html> [6.12.2016].
- PEPETELA (2000) *A geração da utopia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PIRES, Rui (2010) *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*. Lisboa, Tinta-da-China – Fundação Calouste Gulbenkian – Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- SARAIVA, Arnaldo (2010) “A peregrinação de Fernão Mendes Pinto revisitada: a sua teoria moderna da viagem”. *Cem Cultura Espaço & Memória*. 1: 129-142. <http://hdl.handle.net/10216/55771> [11.12.2016].
- SARAMAGO, José (2009) *Levantado do chão*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- (2010) *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ZOLA, Émile (1877) *L’Assommoir*. In *Libro Veritas*. www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lv000100.pdf [06.12.2016].

SITOGRAFIA

FOLHA DE S. PAULO: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1968/06/13/2/> [10.04.2017].